

O DESAFIO DO ATO DE PLANEJAR NA PRÁTICA DOCENTE DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA: PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO

Josinaldo Pereira de Paula,
Aluno da graduação, do Departamento de Letras,
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Sheyla Maria Fontenele Macedo,
Professora assistente II, do Departamento de Educação,
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

RESUMO

O artigo “**O desafio do ato de planejar na prática docente da disciplina de Língua Portuguesa: planejamento, execução e avaliação**”. É de cunho qualitativo, bibliográfico e de campo. Objetiva expor o desafio e importância que é o ato de planejar na disciplina de Língua Portuguesa e revisar de que forma se processam na prática o planejamento, execução e avaliação. Justifica-se pela questão de que há que se refletir sobre a importância dos conhecimentos que envolvem o planejamento docente, em especial no campo da disciplina de Língua Portuguesa, por ser esta área do conhecimento a que interpenetra todas as demais. Como referencial teórico básico: Zabala (2002), Libanê (2000), Vasconcellos (2000), Caldas e Macedo (2011), Nogueira (1989), Leal (2009), Barreto, (1998). Organizado em dois tópicos: a) propõe uma discussão sobre o desafio do ato de planejar, executar e avaliação, docente e discente e também discute a formação da identidade do professor de Língua Portuguesa; b) demonstra a realidade que ocorre na prática docente em relação ao ato de planejar, através da pesquisa de campo. Como resultados encontrados, trouxemos à tona discussões de que a prática do planejamento ainda se constitui como algo apenas burocrático e que na hora da prática fica sempre a desejar, se alienando a um material pronto, sem haver uma real integração com o compromisso do ensino e da aprendizagem.

Palavras-Chave: Planejamento. Língua Portuguesa. Execução. Avaliação.

INTRODUÇÃO

O ato de planejar é uma prática diária do ser humano, pois dificilmente alguém faz algo que antes não se tenha planejado. Na prática docente é diferente, planejar não é opção e sim uma necessidade, já que estamos planejando resultados que visem uma aprendizagem significativa. Assim a importância do planejar na prática docente é mais do que ato didático minucioso, pois exige conhecimentos para além do planejamento do dia a dia.

A falta de planejamento tem proporcionado aos alunos apenas uma série de conteúdos prontos em que os professores ministram ano após ano, muitas das vezes sem nenhum planejamento ou reflexão sobre sua prática.

Em meio à discussão sobre planejamento, execução e avaliação destacam-se os profissionais da disciplina de Língua Portuguesa, que está inserida em todas demais. É possível que o professor de Língua Portuguesa possa desenvolver o papel de educador aleatoriamente, sem um planejamento? Esta é a questão central de nosso artigo.

O trabalho tem, portanto, como objetivo produzir reflexões acerca da importância do planejamento, do ato de planejar, desafio que professor irá enfrentar no campo da docência frente à Língua Portuguesa.

Então para tratar a questão abordada recorreremos neste trabalho a estudos em Zabala (2002), Libanêo (2000), Vasconcellos (2000), Caldas e Macedo (2011), Nogueira (1989), Leal (2009), Barreto, (1998).

O trabalho é uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e de campo. O contexto do campo ocorreu na Escola Estadual 29 de Março, situada na zona urbana da cidade de Portalegre, no Estado do Rio Grande do Norte. Optou-se como ferramenta de coleta de dados uma entrevista com a supervisora pedagógica da escola e uma professora de Língua Portuguesa e também uma observação das aulas, *in lócus*.

A primeira parte deste trabalho provoca uma discussão sobre o desafio do que é o ato de planejar na formação do professor da disciplina de Língua Portuguesa. Em seguida buscou-se tratar da construção identitária do professor de Português e a explanação com algumas contribuições de estudiosos da área sobre as concepções que giram em torno dos conceitos de planejamento, execução e avaliação.

A segunda parte trata da análise da pesquisa de campo, a fim de delimitar sobre o planejamento escolar, a aplicação do mesmo e a forma usada na avaliação da aprendizagem dos alunos. A observação da prática teve como objetivo, fazer uma

análise se o que foi respondido nos questionários estava de acordo com prática na sala de aula.

Este trabalho é de relevância para que os educadores atentem sobre a importância do ato de planejar para uma boa formação discente, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa.

1. Planejamento, plano e planejar: desafio para a formação do professor de Língua Portuguesa

Planejar para a disciplina de Português é um desafio, pois nesta área o professor deve construir um planejamento que englobe trabalhar as áreas de leitura, literatura, produção textual e ainda ministrar uma infinidade de conteúdos gramaticais. Zabala (2002, p.3) afirma:

O planejamento é a plasticidade na aplicação desse plano, o que permite uma adaptação às necessidades dos alunos; levar em conta as contribuições dos alunos no início e durante as atividades; auxiliá-los a encontrar sentido no que fazem, comunicando objetivos, levando-os a enxergar os processos e o que se espera deles; estabelecer metas alcançáveis; oferecer ajuda adequada no processo de construção do aluno; promover o estabelecimento de relações com o novo conteúdo apresentado, e exigir dos alunos análise, síntese e avaliação do trabalho.

O professor passa por uma imensa dificuldade em relação à escolha da melhor metodologia a ser aplicada na sala de aula. Possui um público tão variado, com personalidades, contextos sociais e culturais diferentes, que ensinar para a diversidade consiste em buscar uma multiplicidade de conhecimentos.

É neste sentido que os tópicos seguintes abordam a discussão sobre o ser professor de Língua Portuguesa e as concepções atreladas a este fazer, ou seja, sobre o planejamento, o planejar e o plano.

1.1 Ser professor de Língua Portuguesa

Discutamos sobre o significado de “ser professor”. O que de fato identifica um indivíduo como professor? Inicialmente entendemos que para ser professor deve-se primeiro afinar-se com esta prática, ou seja, a docência. É preciso que neste sentido, se busque uma boa formação inicial. Entretanto, existe a consciência do que de fato isto seria? Ou seja, aquele que ainda não percorreu o caminho da profissão reconhecerá o

que significa uma boa formação inicial? Para percorrer o caminho do “ser” é necessário forjar uma identidade. A identidade é algo de extrema importância na formação do docente, segundo Caldas e Macedo (2011, p.2) “O termo identidade tem origem no latim *iden* que significa igualdade e continuidade, ou seja, aquilo que *somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na relação conosco*, com o ambiente humano e natural” (grifo nosso). Logo, a identidade do profissional docente exige a construção de inúmeros campos: o que pensa e faz um professor, o que este valoriza, quais relações e em quais ambientes deve manter, dentre outras questões não menos relevantes.

Ainda de acordo com Caldas e Macedo (2011, p.3) “A identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva, mas fortemente determinada pela identificação pessoal com a profissão”. As autoras sublinham ainda:

Este processo ocorre desde cedo quando o indivíduo adota papéis e atividades desempenhados por outras pessoas e que lhe parecem significativos, adquirindo uma identidade subjetiva, ou seja, a identidade se mantém, modifica e remodela-se em uma dialética entre o eu/outros (p.2).

Do exposto, pode-se afirmar que a identificação do profissional com sua profissão é fundamental para a construção de sua carreira. Um professor que se identifique com o seu “fazer” interferirá, remodelará perfis psicológicos discentes, além de refletirem no desempenho destes frente a disciplina que ministram.

O professor de Português tem a responsabilidade de criar situações de ensino aprendizagem que façam com que esse aluno transforme o conhecimento que ele traz do convívio com sua família e comunidade em conhecimento científico, mas tudo isso sem o restringir, por exemplo, fazê-lo entender e aplicar regras gramaticais no seu uso oral da língua, para que ele possa usá-la em diversos contextos comunicativos (NOGUEIRA, 1989, p.5).

Para se ensinar uma língua é necessário que se domine os saberes inerentes a mesma, então:

Neste contexto, reconhecemos no professor de Português um profissional especializado, necessariamente possuidor de uma sólida e atualizada formação científica no campo da linguística (o conhecimento fonológico, lexical e morfosintático), da pragmática (conhecimentos relativos à situação de comunicação – imagem do destinatário/leitor, objetivos comunicacionais, etc.), da semântica (as estratégias de construção de sentido dos discursos nas formas falada e escrita), da psicolinguística (o conhecimento dos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem) e da sociolinguística - os fatores culturais que condicionam a produção das mensagens orais e escritas na nossa sociedade (LEAL, 2009, p.1305).

A formação da identidade profissional docente se constitui do somatório destes saberes e dos valores individuais e coletivos aquilatados ao longo da experiência, e advém também da busca de uma formação adequada que seja capaz de atender as necessidades que o contexto profissional requer.

A identidade coletiva do profissional é formada com influência do meio social, pois segundo Caldas e Macedo (2011) “A identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva, mas fortemente determinada pela identificação pessoal com a profissão”. O profissional que não tem uma identificação pessoal com sua profissão corre o risco de ter sua identidade profissional perdida. De acordo com (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES *apud* SAINSAULIEU 1988, p. 30) “observa a vulnerabilidade da identidade individual frente às pressões do ambiente social, no qual a perda da identidade seria consequência da incapacidade do sujeito de defender-se destas pressões”.

Desta forma, construir-se como professor de Língua Portuguesa é um caminho que deve ser realizado de forma individual e coletiva. E o caminho se faz “andando”.

1.2 Planejamentos, plano e planejar: desvendando concepções

A discussão sobre planejamento entre teóricos mostram a importância do ato de planejar a sua prática docente no intuito de executá-la de uma forma satisfatória.

Planejar implica em uma série de ações como seleção de conteúdos, definir o que deseja que seus alunos aprendam com aqueles conteúdos, forjar estratégias metodológicas para ministrar os seus planos de aulas e por fim definir de que forma irá avaliar a sua turma após a execução do seu planejamento.

Segundo Vasconcellos (2000, p.15) o planejamento se configura de maior importância e complexidade pelo fato de está em questão à formação do ser humano. Por isso que de acordo com Barreto (1998) os professores não devem dar suas aulas de forma aleatória, mas sim de forma criativa inovando suas práticas pedagógicas a cada dia, sem se deixar alienar com materiais prontos e acabados. Há que fazer uso da criatividade para que se liberte da rotina diária, para ajudar aos seus alunos a se tornarem pessoas no mínimo curiosas. Zabala *apud* Gentile (2000) aborda que: "O professor deve ser um misto de nutricionista e cozinheiro". Afirma ainda que:

O primeiro preocupa-se em elaborar refeições saudáveis e o outro quer pratos apetitosos. No planejamento da aula, devemos agir como nutricionistas, pensando nas competências que o aluno deve desenvolver. Na classe, precisamos atuar como cozinheiros, propondo

atividades interessantes e que possam ser executadas com prazer (ZABALA *apud* GENTILE, 2000).

A concepção de planejamento por vezes termina por perder a sua virtude original que é segundo (SOBRINHO *apud* VASCONCELLOS, 2000, p.30) “[...] um processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, na busca da melhoria do funcionamento do sistema educacional”. Logo, e nesta perspectiva, planejamento é algo essencial, pois o professor deve ter sistematizado o que espera acontecer durante todo o seu período letivo, aula após aula, tendo em mão sempre um plano de aula pensado e construído com antecedência. Só assim esse educador irá conseguir antecipar possíveis falhas ou fracassos na hora da sua execução, além de registrar os acertos em sua prática.

O resultado da ação do planejamento e do ato de planejar é o plano. O plano é o documento norteador, o mapa do caminho a ser seguido. Muito difícil será para o professor que não planeja construir um plano e alcançar algum objetivo, pois o planejamento prévio é condição imprescindível para forjar rotas seguras que levem a um fim satisfatório.

Finalmente, o planejamento, o planejar e o plano são afetados por inúmeras causas, dentre eles à falta de tempo o uso exacerbado do livro didático, a falta de maior integração com professores da área, a burocracia do ato de planejar dentre outros que poderíamos elencar. Tudo isso tem refletido na sua profissão burocratizando suas funções e fazendo-os perderem ou não desenvolverem a contento a essência do educar, que é mediar para que o aluno aprenda.

2. O planejamento na prática docente: o planejar, sua execução e a avaliação

A pesquisa de campo contemplou como ferramentas de coletas de dados uma entrevista numa escola de ensino fundamental com a supervisora pedagógica, com formação em Pedagogia e com 1 (uma) professora de Língua Portuguesa, além da observação direta na classe desta docente, na Escola Estadual 29 de Março, situada na zona urbana da cidade de Portalegre, no Estado do Rio Grande do Norte (RN).

A intenção da entrevista foi a de num primeiro momento coletar as ideias sobre planejamento para em seguida observar se as respostas da entrevista condiziam realmente com a prática na sala de aula ou se tudo isso era apenas algo burocrático.

A entrevista realizou-se com base no modelo estruturado, e aconteceu na própria escola, no período de setembro de 2011 em 2 (dois) dias, sendo um dia com a supervisora pedagoga e outro com a professora do ensino fundamental, no horário da noite, das 19h às 20h, composta de 9 (nove) perguntas abertas para a supervisora pedagoga, e com 6 (seis) outras perguntas à professora do ensino fundamental.

No que se refere à observação direta, a classe possuía 32 (trinta e dois) alunos e o período de observação se deu em 2 (dois) dias, com pelo menos 4 (quatro) horas observadas, do qual se gerou um breve relato.

Desta forma, dividimos este capítulo em duas partes. A primeira em que analisamos os dados da entrevista da supervisão pedagógica e da professora de Língua Portuguesa sobre planejamento e a prática do mesmo. A segunda parte nos remeterá as observações recolhidas no campo.

2.1 O planejamento: construções teóricas dos professores Língua Portuguesa

Neste bloco analisaremos os dados da entrevista realizada com a supervisora pedagógica, doravante denominada “Pedagoga” e a professora de Língua Portuguesa e que para fins desta pesquisa designaremos de “Pérola”. Inicialmente questionamos as duas sobre as concepções sobre planejamento e planejar.

Perola em sua “fala” manifesta preocupação com o ato de planejar e a execução do planejamento e com a maneira utilizada na avaliação tanto dos seus alunos, quanto da sua prática docente. Afirmou ainda que:

O ato de ensinar requer o exercício constante da reflexão crítica sobre as práticas cotidianas docente, afim de aprimorar os conhecimentos, busca novos saberes e aprender novas estratégias de ensino (PEROLA, 2011.2).

A professora se refere ao exercício constante da reflexão crítica. Questionamos sobre como seria esta reflexão, se existe um passo-a-passo para que o ato de refletir incorra sobre a prática. Eis um ponto a ser investigado. A docente invoca que a reflexão vem a aprimorar conhecimentos, saberes, práticas. Mas de fato, registramos a lacuna do “como” esta reflexão realmente se faz presente. O planejamento estaria atrelado à prática reflexiva? Como interferiria no cotidiano da sala de aula?

Em seguida, interessou-nos questionar à duas como se efetiva a prática de planejamento na escola. Obtivemos as seguintes respostas:

A cada desfecho de bimestre, a equipe pedagógica convoca a equipe docente, para avaliar o desempenho bimestral e rever o planejamento adotado no bimestre, analisando os encaminhamentos metodológicos

se foram satisfatório e reavaliando objetivos (PÉROLA, 2011.2).

O planejamento é realizado bimestralmente através de encontros promovidos pela equipe pedagógica de forma aberta, inovadora e flexível, oferecendo subsídios teórico promovendo a avaliação bimestral e o planejamento onde os professores definem objetivos e metas para promover a qualidade do ensino aprendizagem; mesmo assim ainda existe falhas na realização do nosso planejamento (PEDAGOGA, 2011.2).

Pedagoga e Pérola afirmaram que a cada fim de bimestre o planejamento é revisto. Percebemos nitidamente diferenças entre as afirmativas. Para Pedagoga, os encontros acontecem de “forma aberta e inovadora”, e utiliza o adjetivo “flexível”, que não conseguimos delinear o sentido. Completa que nestes encontros se definem metas e objetivos. Já Pedagoga deixa clara que estes são pautados na prática avaliativa, do bimestre, da revisão dos encaminhamentos dados, dos aspectos metodológicos.

Identificou-se nesta questão que mais uma vez as respostas foram de certa forma “evasivas”. O fato é que não se consegue realmente nortear o acontecer do momento do planejamento. Um planejamento que ocorre de forma “aberta” (como?), inovadora (como?), flexível (como?). Como se processa a avaliação dos objetivos?

Pérola também foi questionada sobre que tipo de plano é vivencia na ação de planejar sua prática e se ela o considera satisfatório. A educadora respondeu que “usa o plano didático de ensino e que considera satisfatório, pois permite fazer uma análise de ação-reflexão-ação”. Mais uma vez, a questão do “como” fica para ser respondida.

A preocupação frente ao ato de planejar é saber se o planejamento irá atender a diversidade cultural. Neste sentido, questionamos à Pedagoga se o plano de ensino e de aula contemplam condições socioculturais e individuais dos alunos:

O grande desafio da escola pública hoje é garantir um padrão de qualidade para todos e ao mesmo tempo respeitar a diversidade local, étnica, social, e cultural. Portanto, o nosso desafio educacional continua através do chamado a incorporar os avanços tecnológicos sem perder de vista a sua especialidade, garantindo a essa nova geração a transmissão de um conhecimento sistemático (PEDAGOGA, 2011.2).

A “fala” de Pedagoga mais uma vez é evasiva e com lacunas ao abordar que o desafio da escola pública hoje é: “garantir um padrão de qualidade para todos e ao mesmo tempo respeitar a diversidade local, étnica, social, e cultural”. No entanto, Pedagoga se coloca como sendo o desafio educacional da sua escola “incorporar os avanços tecnológicos sem perder de vista a sua especialidade”, mas uma incorporação tecnológica irá atender a diversidade local, étnica, social, e cultural? Realmente faltaram

reflexões maiores sobre “como”, qual a ação da escola para enfrentar esse desafio.

A avaliação escolar tem sido muito discutida, pois a forma de avaliar o aluno não tem sido entendida no seu ato principal, que é segundo Libanêo (2000) “a forma que visa verificar e qualificar os resultados obtidos para assim tomar decisões para melhorar as atividades didática seguintes”. No entanto, a maioria das escolas ainda possui construído o conceito de que o processo de avaliação é apenas um momento de “lançar notas”, em que as “provas” se constituem no principal instrumento e que se realizam através da afamada “decoreba”. Diante essa preocupação foi questionado a professora que (quais) concepção(ões) orienta(m) a avaliação na sua prática docente:

Procura-se identificar sob um ótica mais precisa, a mediação dos conteúdos, com o ato de saber ensinar, observando o processo de aprendizagem. Dessa forma o ato de ensinar requer o exercício constante da reflexão crítica sobre as práticas cotidianas docente, afim de aprimorar os conhecimentos, busca novos saberes e aprender novas estratégias de ensino (PÉROLA, 2011.2).

Pérola se coloca brilhantemente nesta “fala”, mas será que esta posição teórica alcança a prática? A busca por estratégias novas de ensino abordadas por Pérola indicam a procura de metodologias como saída do livro didático. Não foi essa a realidade que encontramos.

Ocorreu também o questionamento sobre que tipo de avaliação ela utiliza em relação à aprendizagem do aluno e para sua auto avaliação. A docente respondeu que sua avaliação é “se processa nas formas ‘diagnóstica, contínua e formativa’ e que estas modalidades permitem tanto avaliar o desempenho do discente, como docente”.

Do exposto na entrevista percebemos que existe tempo-espaço para que o planejamento aconteça na escola, mas que, entretanto, parece-nos que há uma certa “pressa” em sua realização, denotando falta de consciência quanto aos seus benefícios.

2.2 Planejar em Língua Portuguesa, a escola como espaço vivo deste “fazer docente”

A área da educação é uma das mais importantes na formação de um ser humano, desta forma é importante destacar o papel do professor de Língua Portuguesa, em especial nos anos iniciais desta formação. No entanto, é sabido que a escolha pela carreira do magistério é decorrente muitas vezes da dificuldade do indivíduo ingressar em outros cursos, e nem sempre por escolha, vocação e amor pelo ato de educar. Assim a formação do educador já se inicia de forma equivocada, sem a necessária identificação

com a profissão. Logo, um professor não pode ajudar na formação de valores que ele não possui. Só damos aquilo que temos para dar. Ensina-mos a partir da identidade que construímos, e este ensinar vem de dentro para fora.

Neste bloco analisaremos a observação realizada na sala de aula de um professor de Língua Portuguesa. Vejamos agora o relato do observado na primeira aula.

O professor começa a aula com a correção de uma atividade retirada do livro e denota bom conhecimento e segurança, tem também atenção em tirar dúvidas individuais acerca das atividades. Logo após a correção, propõe uma atividade avaliativa para a turma, atividade essa também contida no livro didático. Nesta atividade um texto seria lido e em seguida os alunos responderiam 7 (sete) questões de interpretação de texto e em seguida, produziriam um texto com o tema também proposto pelo livro.

A escola não dispõe de livros didáticos para todos, assim Pérola dividiu-se a classe em grupos de 3 (três). A leitura do texto foi de forma responsiva; os alunos acompanhavam e em certos momentos o professor passava a leitura de um aluno para o outro. A professora Pérola tomou conhecimento que em um dos trios formado, o integrante que possuía o livro didático o tinha deixado em casa, então a professora tomou a seguinte decisão: “Não tem o livro didático? Então podem fazer a produção do texto, pois as questões vocês não tem condições de responder. Ficarão com nota apenas da produção textual e sem nota dessas questões”.

A preocupação quanto a forma de avaliar mencionada na entrevista não foi coerente com a observada na prática. No exemplo citado, em que o aluno manifesta que esqueceu o livro, fator imprevisto, tomou como melhor medida “minimizar” a nota do aluno. Um profissional que planeja e aplica seu planejamento na prática teria previsto este tipo de situação e planejado uma atividade alternativa para aqueles alunos.

Vera Barreto (1996) afirma que o professor é um profissional que deve estar sempre em formação, sempre se atualizado. Esta é uma necessidade do educador para que sua identidade não se perca na rotina árdua que é ser professor e para que o educador esteja, ou pelo menos tente estar à frente das necessidades na sua sala de aula.

Durante as aulas nota-se também que a professora tem personalidade forte, e a relação professor/aluno se limita a uma pequena interação entre os campos. O decorrer da aula se deu com base na transmissão do conteúdo do livro didático sem haver, pelo menos durante a aula observada nenhuma outra proposta trazida pelo professor.

Percebemos no contexto de campo que o planejamento é apenas algo “burocrático” registrado apenas no papel. Durante a observação verificou-se vestígios de que as aulas são dadas sem um planejamento prévio. Percebeu-se que o docente tentou “maquiar” a realidade. Identificamos que muitas atividades foram “dadas” aos discentes, entretanto, logo se constatou que única ferramenta metodológica era o livro didático. Esta prática denota que ocorre apenas uma alienação da prática, restrita ainda a realidade de que não há livros didáticos para toda a turma, e que neste sentido, ainda procurou-se a utilização de materiais alternativos para suprir a carência deste.

O professor de Língua Portuguesa se faz em primeiro lugar fora da sala de aula, no planejamento em casa, nos corredores da escola, na observação do uso da língua materna pelos alunos. A escola é um espaço vivo para o “acontecer” do planejamento. E esse planejar consciente só se fará quando o profissional forjar uma identidade comprometida com a educação.

Considerações finais

A pesquisa denota a importância do planejamento e do ato de planejar. Teve como objetivo revisar se o professor de Língua Portuguesa tem se preocupado com sua execução e avaliação. Apesar de não ser um objetivo direto, o artigo também discute a importância da formação da identidade do professor de disciplinas específicas.

O mais preocupante deste quadro é que o docente sabe que deve planejar, sabe de sua importância. A escola é capaz de fazer belos discursos. Conhecem as metodologias e ideias para uma boa prática na sala de aula. Mas é, o planejamento ainda uma atividade burocrática, que um efeito “dominó” na formação humana, pois acreditamos que jamais um “não-educador” irá formar bons cidadãos.

O que se observou na pesquisa foram profissionais que demonstraram-se preocupados com a educação, com um planejamento adequado à prática docente, com sua execução e avaliação, mas que “na ponta da corda” onde realmente a teoria deveria está sendo aplicada, percebe-se uma distância que deixa muito a desejar.

Houve neste texto uma relação da teoria *versus* a prática observando que não é dada a importância devida ao planejamento para suprir as necessidades de vários contextos inseridos em uma sala de aula e sim uma aplicação literária do uso do livro didático, o que denota claramente a falta do planejamento na escola.

Este trabalho é de relevância para que o docente entenda que o ato de planejar por mais que seja um desafio cheio de altos e baixos, não se trata de uma escolha e sim de uma necessidade. O planejamento na prática docente não é importante apenas na disciplina de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas, por que o aluno vai para a escola sem saber o tamanho da importância que é a educação na sua vida. E é função do professor através bons planejamentos construir boas aulas, em que as metas de aprendizagem sejam alcançadas, e gerar no aluno o gosto pelo saber e pela busca do melhor em suas vidas, melhor esse que deve ser oferecido, primeiro, pelo professor.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para Educadores**. São Paulo: Art e Ciência, 1998.
- CALDAS, Iandra Fernandes Pereira; MACEDO, Sheyla Maria Fontenele. **IDENTIDADE E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: a realidade que se configura e a complexidade de que se reveste**. VI Encontro Iberoamericano de Educação. São Paulo: UNESP, outubro/2011.
- COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. **Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis**. Florianópolis: Psicologia & Sociedade; 19ª Edição Especial, 2007.
- GENTILE, Paola. **Avaliar para crescer**. Nova Escola, 2000. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/avaliar-crescer-424587.shtml>. Acesso em 05 de maio de 2012.
- LEAL, Susana Mira. **Ser professor... de português: especificidades da formação dos professores de língua materna**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2000.
- NOGUEIRA, Júlio T. **O ensino da língua materna – tópicos para reflexão**. Palavras. 1989.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino – Aprendizagem e projeto Político – pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. 7ª ed. São Paulo: Liberdade, 2000.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa ? Como ensinar**, Artmed. Profissão. Professor, Lisboa, Don Quixote. 2002.